



II. Vanguardistas somos, todas

Eloá Fernandes

As reflexões de Natalia Amoreira sobre seu fazer profissional no teatro não pode ser desvinculado do fato de que ela é uma mulher negra brasileira, uma formanda do Bacharelado em Estética e Teoria do Teatro no ano de 2021, a quarta mulher negra de uma tímida, mas vigorosa lista de formandos de sete pessoas. Não temos números oficiais, mas na memória dos meus últimos seis anos, com a certeza de um passado absolutamente menos negro nos corredores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), é a primeira vez que um conjunto de mulheres negras se sobrepõe como maioria dos formandos. Contudo, é necessário dizer isso, mas lembrar que além da Urca, do Vidigal de Natalia, do meu Catete, a realidade de muitas outras mulheres negras continua a ocupar infindáveis navios de invisibilidade.

Mulheres negras são hoje o maior grupo demográfico brasileiro, compondo 28% da população¹, contudo esse grupo, demograficamente majoritário, é minorizado quando tratamos de ofício. Apesar de ser pioneira no exercício do trabalho no Brasil pós-colonização, a mulher negra pouco usufrui do campo que ela ajudou e ajuda a construir e estabelecer. O exercício do trabalho da mulher negra hoje no Brasil é precário. Atualmente 54% por cento das mulheres negras não exercem trabalho remunerado, 39% destas afirmam estar buscando emprego no atual momento². Refletimos isso lembrando que as diásporas africanas nas Américas começaram através do trabalho forçado. Mesmo exercendo suas tecnologias ancestrais, a mulher negra encontra-se vulnerabilizada; o empreendedorismo, campo historicamente de refúgio e subsistência de muitos

¹Fonte: IBGE 2019, referindo-se a soma de mulheres autodeclaradas pretas e pardas.

² Fonte: Potências (invisíveis; Box 1824 e Indique Uma Preta, 2020.

povos africanos, é também o primeiro a sofrer com a instabilidade do mercado global. Dados³ mostram que 36% das empreendedoras negras tiveram suas atividades interrompidas devido a pandemia de covid-19; a proporção cai para 29% para empreendedoras brancas e 24% para homens brancos. Esse lugar da trabalhadora negra, que propicia seus meios de sobrevivência, é fundamental para pensar na existência da mulher negra no campo teatral. Quantas dessas empreendedoras não são trabalhadoras do teatro, do audiovisual, do cinema, e de tantas outras profissões nas quais a atriz de teatro se emprega? Mas quantas somos? A Ancine em 2016, apontou que as mulheres representavam 40% dos artistas no cinema brasileiro; os negros, 13,3%. As mulheres negras? Ainda não encontramos um número que mostre nem sua presença, nem sua ausência. Então, escreveremos aqui mais uma vez para que fique registrado, porque não faltam lugares onde ainda não existimos.

A contextualização da mulher negra dentro do campo de trabalho no Brasil se faz primordial, sobretudo pelo baixo amparo de assistência e acesso a direitos básicos direcionados à população. O trabalho ainda é o maior conector no acesso a direitos no Brasil; é especialmente ele que garante o acesso a moradia, alimentação e, até pouco antes da constituição de 1988, o que também garantia o acesso a saúde pública -- uma vez que a mesma era ligada à previdência, e embora isso faça parte de um passado, o país não caminhou muito no acesso a direitos. Existem poucas iniciativas que proporcionem moradia e alimentação, por exemplo, que são direitos que conferem cidadania aos sujeitos que se valem basicamente de seu trabalho para acessar a maioria dos recursos primordiais. Em virtude dessas e de outras razões que ficaram evidentes durante a pesquisa do catálogo é que se faz urgente falar sobre o ofício da mulher negra artista hoje no Brasil, sobre sua possibilidade de exercer seu trabalho e, quando exercendo, sobre os papéis que as narrativas (em reflexo da sociedade) nos atribui.

A pesquisa em si é um processo de olhar para um lugar que nunca antes havia sido provocada dentro da Escola de Teatro da Unirio, mesmo nos semestres de corajosas II matérias de uma vez, nem na mais popular matéria do Teatro do Oprimido, em nenhum momento destes 6 anos de Unirio, eu estive em um processo de olhar tantas mulheres negras de uma vez, uma após outra. Foram 6 anos debruçada quase sempre sobre textos de homens brancos, europeus, consideráveis, sem dúvida – jamais reclamarei de ler Walter Benjamin,

³ Fonte: Sebrae e Fundação Getúlio Vargas, 2010. Disponível em: < <https://revistapegn.globo.com/Mulheres-empendedoras/noticia/2020/08/mulheres-negrasrepresentam-o-segmento-de-empendedores-mais-atingidos-pela-pandemia-no-brasil.html> >

mas a *"escrita da história a contrapelo"*⁴ se faz tardia em nossas centenas de fotocópias lidas e grifadas semana após semana. Contudo, existe a liberdade da criação dos trabalhos finais, aquela que nos faz um pouquinho mais felizes ao fim de cada semestre, e é fazendo uso dela que estamos aqui. Quando Natália me chamou contando que pegou seu DRT: *"Amiga, precisamos falar de nós"* e me convocou para juntas darmos um pouco mais de corpo para nossa história no teatro, eu me sentia a própria: *"negrada parecia que tava esperando por isso pra bagunçar tudo"* de Lélia Gonzalez:

"Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro sobre a gente. A gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até pra sentar na mesa onde eles estavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi se sentar lá na mesa. Só que tava tão cheia de gente que não deu pra gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro criolêu da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava pra abrir um espaçozinho e todo mundo sentar junto na mesa. Mas a gente foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega pra cá, chega pra lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela pra responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa pra falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso pra bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava mais pra ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discurseira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Teve uma hora que não deu pra aguentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu pra cima de um crioulo que tinha pegado no microfone pra falar contra os brancos. E a festa acabou em briga...(...)"⁵

O Pequeno Catálogo de Atrizes Negras Brasileiras, era tudo que eu queria para esse fim de 2020 (agora já 2021) mas na verdade nem pensava. Olhar, escrever todos esses dias o nome dessas mulheres, me fez

⁴ Citação indireta ao pensamento benjaminiano: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. c

⁵ Epígrafe de abertura do texto "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983.

relembrar minhas primeiras leituras do curso de Serviço Social. Nesse curso se discute muito a formação do "ser social", ser esse que, embora ciente de suas subjetividades, se completa enquanto coletividade no outro. Foi assim que o ser "atriz, mulher negra" de Natalia se encontrou com o meu. Mas foi durante a pesquisa que esses encontros de coletividade aumentaram, redescobrir de novo cada atriz que já conhecia, ver nelas o papel de vanguarda que sempre nos cabe, pois, se sou a primeira pessoa do lado negro da minha família a ter um diploma universitário, Aizita nascimento foi a primeira mulher negra a poder participar de um concurso de *miss*; Arany Santana, a primeira mulher a assumir a Secretaria de Cultura da Bahia (2017)⁶; Aline Dias foi a primeira protagonista negra de *Malhação* (*depois de 27 temporadas no ar*). Embora mais de meio século separe o nascimento de algumas de nós, a nossa condição de mulher negra nos fez vanguardistas. Cada uma de nós, nos micro e macrocosmos neste país. Mas não é só isso: as dores e delícias de escrever sobre o trabalho de nossas atrizes me permitiram olhar com mais atenção para uma generalização que eu já observava. Trabalhar com atuação sendo negra nos leva quase para o mesmo lugar de nossos antepassados: a escravidão. Quase todas as artistas pesquisadas até aqui iniciaram na TV ou no cinema interpretando uma mulher escravizada. A maioria dos papéis oferecidos na dramaturgia brasileira, sobretudo na televisão, demonstra o que Chimamanda relata em *"O perigo da história única"*: somos povos inclinados a ter imagens preconcebidas e pouco desenvolvidas de cada povo. A pesquisa, com o tempo, poderá oferecer-nos até percentual disso, tamanha a corporeidade desse fato, pois vemos que ao longo dos anos existe basicamente uma história única para os papéis de mulheres negras neste país. Eu gostaria de me animar mais com as novas dramaturgias, com a geração que aí está, mas quando saímos das repetidas histórias de época temos como personagens: empregadas domésticas, vendedoras de praia, adolescentes grávidas, jovens envolvidas com rapazes drogados... Papéis que contam, sim, uma parte da realidade brasileira, mas diferem totalmente da maioria das histórias que conheço. Escrevo dia a dia esse catálogo na esperança de que os professores na universidade ou diretores com fomento nunca mais digam: "pintamos a atriz de preto porque não encontramos uma atriz negra". Temos uma porção de novos dramaturgos e dramaturgas sedentos por fazer diferente. Uma porção enorme de atrizes gigantes nesse pequeno catálogo.

⁶ Entrevista sobre atuação na secretária da cultura: < <https://midia4p.cartacapital.com.br/acham-que-eu-sou-do-baixo-clero-da-cultura-diz-secretaria-arany-santana/> >

⁷ Chimamanda; Ngozi. Ted Global, 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en>. Acesso em 10-01-1992.